



Revista Mulemba
e-ISSN: 2176-381X
v.15, n.29, e202360988, 2023
DOI: 10.35520/mulemba.2023.v15n29e202360988

Temas Livres

Pelas mãos delas: perspectivas sobre a literatura e as artes visuais produzidas por mulheres angolanas no século XXI

*By their hands: Perspectives on
literature and visual arts produced by
angolan women in the 21st century*

*Por sus manos: perspectivas sobre la
literatura y las artes visuales producidas
por mujeres angolanas en el siglo XXI*

Editoras-chefe

Carmen Lucia Tindó Secco
Vanessa Ribeiro Teixeira

Editores Convidados

Cinthia da Silva Belonia
Guilherme de Sousa Bezerra
Mariana Dias
Renata Gomes
Sheila Ribeiro Jacob

Recebido: 19/09/2023

Aceito: 30/11/2023

Como citar:

RODRIGUES, Adriana;
HENRIQUE, Thaíssa
Gabrielle Ferreira Henrique.
Pelas mãos delas: perspec-
tivas sobre a literatura e
as artes visuais produzidas
por mulheres angolanas
no século XXI. *Revista
Mulemba*, v.15, n.29,
e202360988, 2023. doi:
[https://doi.org/10.35520/
mulemba.2023.
v15n29e202360988](https://doi.org/10.35520/mulemba.2023.v15n29e202360988)

Adriana Cristina Aguiar Rodrigues 

Thaíssa Gabrielle Ferreira Henrique 

Universidade Federal do Amazonas. Manaus, AM, Brasil.

E-mails: adrianaaguiar@ufam.edu.br; thaissagfhenrique@gmail.com

RESUMO

Apesar de ser maioria na população do país, as mulheres angolanas enfrentam, conforme documentos estatísticos governamentais, desafios significativos, como acesso limitado à educação, baixa renda e poucas oportunidades de emprego. Estas desigualdades reverberam na esfera cultural, em que a presença delas é frequentemente relegada a segundo plano. Tomando esse contexto, analisamos, neste artigo, o cenário cultural angolano contemporâneo, especificamente a partir do mapeamento da participação de mulheres tanto na literatura quanto nas artes visuais, no período entre 2011 e 2023. Ao realizarmos este recorte, nossa perspectiva

é entender as contribuições e os obstáculos que esse estrato da população enfrenta no campo cultural. A pesquisa, realizada entre 2022 e 2023, abrangeu, além do levantamento de escritoras e de artistas, uma investigação bibliográfica e documental, incluindo buscas em plataformas *online* e análise de entrevistas realizadas com jovens mulheres do campo cultural. Os resultados, em comparação com os do século passado, indicam um paulatino crescimento e visibilidade da produção cultural feminina em âmbito nacional e internacional, estimulados, dentre outros fatores, pelo acesso à educação, pela ampliação de espaços de exposição e pelo acesso à publicação literária em espaços virtuais. Quanto às temáticas das obras por elas produzidas, notamos que artistas e escritoras exploram temas diversos, mas também dão destaque às vozes e experiências femininas, convertidas em peças centrais de seus trabalhos literários e artísticos. Por outro lado, desafios antigos persistem, incluindo a predominância masculina nos espaços de poder e as barreiras educacionais que são reforçadas pelas estruturas patriarcais que ainda permeiam a sociedade.

Palavras-chave:

Angola, escritoras, artistas visuais, presença feminina, Século XXI.

ABSTRACT

Despite being the majority of the country's population, Angolan women face, according to government statistical documents, significant challenges, such as limited access to education, low income and few employment opportunities. These inequalities reverberate in the cultural sphere, where their presence is often relegated to the background. Taking this context, in this article we analyze the contemporary Angolan cultural scenario, specifically from the mapping of women's participation in both literature and visual arts, in the period between 2011 and 2023. When carrying out this cut, our perspective is to understand the contributions and the obstacles that this segment of the population faces in the cultural field. The research, carried out between 2022 and 2023, included, in addition to the survey of writers and artists, a bibliographic and documentary investigation, including searches on online platforms and analysis of interviews carried out with young women in the cultural field. The results, in comparison with the last century, indicate a gradual growth and visibility of female cultural production on a national and international level, stimulated, among other factors, by access to education, the expansion of exhibition spaces and access to literary publication in spaces virtual. Regarding the themes of the works they produce, we note that artists and writers explore different themes, but also highlight female voices and experiences, which become central

pieces of their literary and artistic works. On the other hand, old challenges persist, including male predominance in spaces of power and educational barriers that are reinforced by patriarchal structures that still permeate society.

Keywords:

Angola, writers, visual artists, female presence, 21st Century.

RESUMEN

A pesar de ser la mayoría de la población del país, las mujeres angoleñas enfrentan, según documentos estadísticos gubernamentales, desafíos importantes, como un acceso limitado a la educación, bajos ingresos y pocas oportunidades de empleo. Estas desigualdades repercuten en el ámbito cultural, donde su presencia suele quedar relegada a un segundo plano. Tomando este contexto, en este artículo analizamos el escenario cultural angoleño contemporáneo, específicamente a partir del mapeo de la participación de las mujeres tanto en la literatura como en las artes visuales, en el período comprendido entre 2011 y 2023. Al realizar este corte, nuestra perspectiva es comprender las contribuciones y los obstáculos que enfrenta este segmento de la población en el ámbito cultural. La investigación, realizada entre 2022 y 2023, incluyó, además de la encuesta a escritoras y artistas, una investigación bibliográfica y documental, incluyendo búsquedas en plataformas online y análisis de entrevistas realizadas a mujeres jóvenes en el ámbito cultural. Los resultados, en comparación con el siglo pasado, indican un paulatino crecimiento y visibilidad de la producción cultural femenina a nivel nacional e internacional, estimulado, entre otros factores, por el acceso a la educación, la ampliación de los espacios expositivos y el acceso a la publicación literaria en espacios virtual. En cuanto a la temática de las obras que producen, observamos que artistas y escritoras exploran diferentes temas, pero también destacan voces y experiencias femeninas, que se convierten en piezas centrales de sus obras literarias y artísticas. Por otro lado, persisten viejos desafíos, incluido el predominio masculino en los espacios de poder y las barreras educativas que se ven reforzadas por estructuras patriarcales que aún permean la sociedad.

Palabras-clave:

Angola, escritoras, artistas visuales, presencia femenina, siglo XXI.

Considerações iniciais

O cenário cultural de Angola é historicamente dominado por homens. Embora, no campo político, nomes de mulheres nascidas nos séculos XVI e XVII, como Nzinga Mbandi e Lueji A'Nkonde, se tenham constituído, na história do jovem Estado-nação, como prolíficas narrativas em torno do orgulho e da pertença nacional – juntamente com outras figuras do século XX, cujos nomes entraram para os anais da história das lutas pela independência, como Deolinda Rodrigues, Teresa Afonso, Irene Cohen, Engrácia dos Santos e Lucrécia Paim –, dados sobre as mulheres no Censo Angolano (2014), no Inquérito Integrado sobre o Bem-estar da População (2011) e no Relatório Analítico de Género de Angola (2017) indicam críticas condições a que estão submetidas. Ainda que sejam maioria na população nacional e que seja a figura delas que se destaca no ofício de zungar pelas ruas de Luanda, são as mulheres que têm menor acesso à escolaridade, menor renda, menor taxa de empregabilidade e menor cobertura de políticas públicas; além de serem as mais impactadas pelas várias formas de violência.

Tais condições reverberam no campo cultural, literário (FONSECA, 2004; MACEDO, 2010) e artístico-visual, traduzindo-se em um silenciamento ou apagamento da presença feminina nos espaços das artes. Ao examinarmos obras significativas, como *A formação do romance angolano*, de Rita Chaves (1999), não podemos deixar de notar que essa predominância não é apenas evidente, mas quase uma unanimidade masculina. Neste livro, é notável que os autores historicamente considerados responsáveis por estabelecer as bases da literatura angolana, destacados em capítulos que analisam suas biografias e obras, são todos homens: Assis Jr., Castro Soromenho, Oscar Ribas e José Luandino Vieira.

A análise de dados mais recentes, por exemplo, uma breve pesquisa realizada nos catálogos de publicações das editoras Caminho e Kapulana revela a predominância de obras literárias de autoria masculina circulando em Portugal e no Brasil, mesmo que outras fontes disponíveis na *web* apontem nomes como os de Ermelinda Pereira Xavier, Alda Lara, Ana Paula Tavares, Isabel Ferreira, Maria Celestino, Cremilda de Lima e Amélia Dalomba (vencedora do Prémio Nacional de Artes e Cultura, na categoria Literatura, concedido pelo governo angolano), dentre outras do *hall* de escritoras angolanas.

Se assim o é na literatura, Rodrigues (2022), ao proceder a um levantamento da vida cultural em Angola no século XXI, aponta o aparecimento de diversos grupos e coletivos culturais, bem como algumas ações governamentais que estimulam a publicação de obras. Todavia, tais ações são lideradas em sua maioria por homens. De modo análogo, nomes femininos também não são localizados em obras que mapeiam a história das artes no país. *Made in Angola*, de Adriano Mixinge (2009),

por exemplo, ao percorrer a produção plástica e fotográfica angolana contemporânea, cataloga um número significativo de artistas homens, enquanto as mulheres são apenas citadas ao longo do texto. Apesar disso, Mixinge parece reconhecer essa ausência feminina ao apresentar reflexões específicas sobre a presença da mulher na produção cultural angolana do século XX, notadamente no capítulo 9, intitulado “Só o ventre enobrece?”, em que são exploradas questões como a representação da mulher, seus papéis sociais e a visão de si mesmas nas áreas das artes, literatura e sociedade.

Não obstante estas lacunas que podem nos dar a falsa impressão de uma total inexistência das mulheres nas formas culturais de Angola, alguns trabalhos e ações realizadas nas últimas décadas têm se preocupado em fazer uma história da arte mais inclusiva e plural. Nesse sentido, notamos certa ampliação da presença feminina na cultura angolana, que pode ser indicada na maior visibilidade e no reconhecimento de nomes como os de Kamy Lara, Paula Nascimento, Yola Balanga, Ana Clara Guerra Marques, Alda Lara e Grada Kilomba, as quais têm se destacado no campo do audiovisual, da curadoria, da dança contemporânea e das artes plásticas.

Outro exemplo que acusa o crescimento e/ou a maior visibilidade da produção angolana de autoria feminina é a obra *Atlantica: contemporary art from Angola and its diaspora* (2018), organizada por Mónica de Miranda. O livro inclui ensaios fotográficos de artistas como Alice Rodrigues, Alice Marcelino, Grada Kilomba, Keyezua e Ana Silva (que em 2021 recebeu o Prémio Nacional de Cultura e Artes, na categoria artes visuais e plásticas, concedido pelo governo angolano), além de textos críticos sobre as obras de cada uma.

O cenário, portanto, ainda bastante desafiador no que se refere à igualdade de gênero, oferece razões para se pensar de forma sistemática a produção cultural feita por mulheres, seja de escritoras e de artistas que vivem em Angola, seja daquelas que atuam na diáspora. Ao caminharmos nessa direção, buscamos, neste texto, a um só tempo, mapear a participação feminina na literatura e nas artes visuais angolanas produzidas na última década, assim como problematizar a participação das mulheres nesse cenário historicamente firmado nas bases patriarcais tradicionais e coloniais. Para tanto, a pesquisa por nós empreendida desenvolveu-se ao longo de 2022 e 2023 e estruturou-se em três etapas. Na primeira, realizamos um levantamento bibliográfico, a fim de identificar investigações tanto em torno da produção literária e artístico-visual de Angola, de maneira geral, quanto aquelas pautadas na participação feminina nesses espaços. Desse levantamento, também foram aproveitadas muitas postulações teóricas e dados referentes à condição da mulher nos espaços culturais angolanos, de modo a construir um contexto sócio-histórico como base para os objetivos e reflexões do presente estudo. Nesta etapa, foram centrais obras como *Made in Angola*, de Adriano Mixinge (2009), e *A formação do romance angolano*, de Rita Chaves (1999). Também tivemos acesso a artigos, teses e dissertações, encontrados

através dos mecanismos de busca das plataformas digitais Scielo, Google Acadêmico, Portal de periódicos da CAPES e Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD).

No segundo momento, após o fichamento dos dados levantados, foram feitas buscas em redes sociais, como *Instagram* e *Facebook*, no intuito de identificarmos movimentos culturais liderados ou com a participação feminina, além de escritoras e artistas visuais atuando em Angola ou na diáspora. O levantamento considerou como prioritário buscar mulheres que ocupam atualmente espaços de destaque nos portais jornalísticos da *web*, que apresentem produção literária ou artística considerável e que tenham algum envolvimento com grupos e coletivos culturais. Nessa etapa, realizamos outra pesquisa virtual para identificar entrevistas, registradas em texto ou em vídeo, já disponíveis na *internet* que pudessem satisfazer os objetivos almejados por este estudo. Selecionamos para a nossa análise uma entrevista concedida pela escritora Ottoniela Bezerra, e outra, concedida pela artista Yola Balanga.

Por fim, a terceira e última etapa da pesquisa consistiu na análise das entrevistas encontradas, estabelecendo relações com os dados identificados no levantamento bibliográfico, a fim de: compreendermos a evolução das temáticas nas produções artísticas atuais, se houve continuidade ou inovação; averiguarmos se os obstáculos que as escritoras e artistas pioneiras enfrentaram ainda se colocam diante da nova geração; e explorarmos a existência de redes de apoio entre essas mulheres para facilitar sua inserção e permanência no cenário artístico.

A literatura pelas mãos delas

Em um contexto tão singular como o de Angola, a literatura adquiriu grande relevância no processo de recuperação da identidade angolana e na construção do sentimento nacional, sobretudo após as lutas pela independência. Rita Chaves (1999) explica que um dos principais objetivos da elite intelectual da época era fazer da produção literária um meio para suprir as divisões do tecido social, causadas pela atuação colonial, estimulando um sentimento de unidade à nação emergente.

No entanto, há uma contradição neste discurso nacionalista angolano. Como evidencia a pesquisadora Rita Chaves, os méritos da formação da literatura angolana, especificamente do romance, foram destinados aos homens: Assis Jr., Castro Soromenho, Oscar Ribas e José Luandino Vieira. Se o plano nacionalista era unificar a nação e vencer as diferenças, essa unanimidade masculina no campo literário torna inevitável o questionamento: onde estão as mulheres? Por que não foram incluídas nesse plano se elas tiveram uma participação tão crucial na luta pela independência do país?

Olímpia Iango Lucas (2021), em “A participação da mulher na luta pela independência em Angola (1961-1975)”, traz à luz fatores contextuais que podem ter contribuído para a invisibilidade da participação feminina no pós-independência:

Além de sofrerem opressão e exclusão por parte do poder colonial, se viam excluídas do sistema de ensino escolar, porque para elas estavam reservados apenas os afazeres domésticos e tinham que lidar também com as questões culturais, onde o modelo patriarcal era predominante e pregava que o homem podia fazer de tudo e a mulher tinha apenas que obedecer e cuidar dos trabalhos domésticos. A essa postura de opressão e discriminação, alguns autores vão chamar de “dupla colonização”. (2021, p. 13)

Ora, se a sociedade angolana como um todo enfrenta as consequências do colonialismo, as mulheres, além de sofrerem a violência das estruturas coloniais, ainda precisam lidar com as estruturas patriarcais próprias das tradições de seu país. No entanto, é notável que esses obstáculos não conseguiram suprimir a produção literária feminina como um todo, pois tais mulheres sempre demonstraram um esforço constante para enfrentar o silenciamento e a exclusão. Nesse contexto, a escrita, especificamente poética, revelou-se como uma ferramenta poderosa de resistência. É a partir dos estudos de poemas que nomes como Alda Lara, Ana Paula Tavares e Ermelinda Pereira Xavier surgem na cena literária. Não à toa, os estudos voltados à autoria feminina angolana quase sempre focalizam a produção poética. É relevante notar que, embora existam exemplos notáveis de obras literárias escritas por mulheres em diversos gêneros em Angola, como o *Diário de um exílio sem regresso*, de Deolinda Rodrigues — descoberto em 1974 e publicado em 2003 após o assassinato da autora, uma figura importante no Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e fundadora e presidente da Organização das Mulheres Angolanas (OMA) —, bem como o romance *Os olhos do homem que chorava no rio*, de Ana Paula Tavares e Manuel Jorge Marmelo (2005), é evidente que o cânone poético feminino recebe maior destaque, sobretudo nas pesquisas acadêmicas.

Jurema José de Oliveira (2002), em seu ensaio “A Escrita Feminina no Panorama Literário Africano em Língua Portuguesa: Alda Lara, Noémia de Sousa, Ana Paula Tavares, Vera Duarte e Paulina Chiziane”, analisa, dentre outros poemas, as obras das angolanas Alda Lara e Ana Paula Tavares. O estudo desconstrói a ideia de que a escrita de autoria feminina em países africanos é um fenômeno embrionário, demonstrando como essas poetisas usam a poesia para expressar suas vozes. Alda Lara, por exemplo, aborda temas universais, como a opressão em Angola, enquanto enfoca a ação feminina na busca por um futuro melhor durante o movimento libertário dos anos 1950-1960. Ana Paula Tavares, por sua vez, utiliza a palavra “grito” de forma

marcante em seus poemas, que retratam cenas de dor, carência, guerra e morte, desafiando o silenciamento.

No estudo de Maria Nazareth Soares Fonseca (2004), “Literatura africana de autoria feminina: estudo de antologias poéticas”, são apontados alguns fatores que contribuem para a escassa presença das mulheres na literatura canônica africana, incluindo as restrições tradicionais que as limitam a papéis de mãe e dona de casa, dificultando seu acesso à educação e influenciando os critérios de seleção das editoras. A pesquisadora destaca que as mulheres angolanas enfrentam desafios significativos ao tentarem superar a segregação de espaços na literatura, mesmo após a independência do país, já que os homens geralmente controlavam a seleção de textos e a organização de antologias. Para contornar esses obstáculos, as escritoras, frequentemente, exploravam o tema da mulher-mãe em suas obras, por ser uma forte “alegoria no projeto de afirmação da identidade africana, pois ela personifica a força da terra, a tenacidade para enfrentar os obstáculos e, principalmente, a capacidade de gerar o novo homem, livre das amarras da servidão” (FONSECA, 2004, p. 286).

No artigo “Mulheres angolanas nos espaços literários: corpos ultrajados e escritas transgressoras”, Larissa da Silva Lisboa Souza (2015) tece uma análise aprofundada das carreiras e obras de duas poetisas, Ermelinda Pereira Xavier e Alda Lara. O estudo se baseia nas teorias de Jean Luc-Nancy (2000) e de Michel Foucault (1997) para conceituar o “corpo” como um espaço em que significados são inscritos, atribuídos socialmente e utilizados para servir aos interesses ideológicos do poder vigente. Na perspectiva que nos apresenta a autora, existem dois tipos de corpos: os “disciplinados”, que aceitam seus papéis sociais e se conformam às normas, e os “ultrajados”, que são vítimas da violência social. Dentro dessa última, são identificadas duas subcategorias: os “corpos-mortos”, que lidam passivamente com suas condições e buscam minimizar ou ocultar suas marcas para se integrarem aos corpos disciplinados, e os “corpos-rebeldes”, que desenvolvem estratégias para não apenas sobreviver aos espaços sociais, mas também desafiar a ordem estabelecida, reivindicando suas diferenças como parte do contexto social em que vivem.

Tais conceitos nos ajudam a compreender o lugar de onde falam essas escritoras e toda a opressão por elas sofridas. Seus corpos seriam também símbolos de uma indisciplina, uma resistência ultrajada, e sua rebeldia começa pelo simples fato de romperem com as tradições, saindo da restrição do meio doméstico para conquistarem aqueles espaços dominados por homens, neste caso, o meio literário.

As artes pelas mãos delas

O livro *Made in Angola: Arte Contemporânea, Artistas e Debates*, do historiador e crítico de arte Adriano Mixinge (2009), representa uma das maiores contribuições para a história e a crítica da arte moderna e contemporânea de Angola. O autor aborda uma série de desafios enfrentados pelos artistas angolanos na busca por reconhecimento na

geopolítica da arte contemporânea, tanto em âmbito africano quanto internacional. Ele percorre a história da arte angolana, delineando a evolução da política cultural desde o período colonial e do pós-independência até a contemporaneidade.

No entanto, é notável a escassez de destaque dado às artistas mulheres, mesmo entre os contemporâneos. O próprio autor, no capítulo 9, intitulado “Só o Ventre Enobrece?”, reconhece essa lacuna ao abordar a presença da mulher na produção cultural angolana do século XX. Nesta seção, ele explora as diversas representações da figura feminina nas artes, como a mulher sendo o espaço e o corpo do exótico, do diferente, do decorativo e do ventre enobrecedor. Ou o símbolo da mulher aguerrida na figura da quitandeira, a qual se opõe à imagem da mulher guerrilheira, como Deolinda Rodrigues e Lucrecia Paim – referências mais conhecidas das heroínas da libertação de Angola, exemplos de sujeitos de ação. No entanto, essas imagens já não cabem mais no contexto contemporâneo, pois, de acordo com Mixinge (2009), agora a luta é do conhecimento e afirmação social. Desse modo, ele lista uma série de nomes de mulheres que se inscrevem nas várias formas culturais “renegociando o equilíbrio de gênero na reinvenção estética e criativa da ‘Angolanidade’”: Alda Lara, Amélia Veiga, Maria Eugénia Lima, Manuela Abreu, Cremilda Lima, Ana Faria, Maria de Jesus Haller, Gabriela Antunes, Ana Maria de Oliveira, Maria da Conceição Neto, Doriana, Maria Alexandre Dáskalos, Ana Clara Guerra Marques, Ana Dias Lourenço, Eufrazina Maiato, Irene Neto, Maria Teresa Guerra, Rosária da Silva, Lisa Castel, Isabel Pinheiro, Maria João e Ana Baião.

Em 2016, Mixinge, em uma crítica para o site *ArteCapital*, comentou sobre a exposição “Imbamba ya muhatu/Coisas de mulher”, das artistas angolanas Keyezua e da nigeriana Wura-Natasha Ogunji, admitindo a necessidade de um estudo mais aprofundado sobre a relação entre arte moderna e contemporânea e gênero em Angola. Ele aponta a falta de sistematização do papel e da importância das artistas, curadoras e críticas de arte que contribuíram para o desenvolvimento das artes, muitas vezes sem receber projeção internacional. Mixinge lista uma série de nomes — Denise Toussaint, Helena Justino, Gabriela Veloso, Ema Brandão, Maria Angélica Taquelim, Maria Manta, Maria Santa Godinho, Marília Duarte, Ana de Sousa, Marinete Borges, Susana Rebocho, Filomena Coquenão, Dilia Fraguito, Marcela Costa, Laly Salvador, Isabel Baptista, Maria Belmira, Zizi Ferreira, Kiana, Yana Van-Dúnem, Patricia Cardoso, Fineza Teta até chegar à Keyezua — os quais, nas suas palavras “formam parte de um mundo pouco estudado e, portanto, desconhecido” (MIXINGE, 2016).

Entre as diversas artistas que não foram mencionadas pelo autor, mas que desempenham um papel significativo na cena artística angolana, destaca-se Helga Gamboa. No ensaio intitulado “A Condição da Mulher em Angola na Cerâmica de Helga Gamboa”, da professora Teresa Matos Pereira (2012), explora-se a temática da diáspora e seu significado para a artista que nasceu e cresceu em Angola, porém somente ao partir lhe foi possível ter a oportunidade de estabelecer um contato mais

profundo e vivenciar a cultura de seu país, uma vez que sua juventude fora marcada por um contexto de políticas de assimilação cultural, que a deixaram alheia à própria nação. Utilizando técnicas de construção manual, queima de serragem e polimento com cera em sua cerâmica, sua arte aborda temas complexos, como a história colonial portuguesa e os impactos devastadores da guerra em Angola. Ela demonstra uma preocupação particular com a vulnerabilidade das mulheres e crianças vítimas desses contextos e busca reconstruir a ligação com a cultura que lhe foi negada.

Outro exemplo que acusa o crescimento e/ou a visibilidade da produção angolana de autoria feminina é a obra *Atlantica: contemporary art from Angola and its diaspora* (2018), organizada por Mónica de Miranda. O livro inclui ensaios fotográficos da própria organizadora, juntamente a de outros artistas, além de textos críticos sobre as obras. Dos catorze nomes presentes no catálogo, quatro são mulheres angolanas, a saber: Keyezua, Alice Marcelino, Alida Rodrigues e Ana Silva.

Nova geração, novos nomes: ventos de mudança?

Nesse contexto, torna-se evidente que a aparente escassez de produções culturais por parte das mulheres em Angola é, na verdade, uma ilusão causada pelo impacto profundo do silenciamento que historicamente lhes foi imposto, bem como a fragilidade do acesso à educação. A maioria das escritoras e artistas que identificamos pertence a um grupo restrito que ainda teve acesso a uma educação de qualidade. Para outras mulheres, subsistem, além desse, outros obstáculos significativos, como a violência doméstica, o abuso e uma gama de outros desafios que, em conjunto, dificultam seu progresso, conforme destacado pelas doutoras Ruth Ferreira e Terezinha Gonçalves, no artigo “A Presença das Mulheres na Educação Angolana” (2021).

Além disso, observamos que a maior parte dos estudos dedicados às produções artísticas femininas em Angola, especificamente as literárias, foca em obras de autoras com carreiras de longa data e, em certa medida, já estabelecidas. Não devemos desconsiderar as riquíssimas produções dessas pioneiras que desbravaram esse sistema e abriram caminho para as futuras gerações, mas mulheres capazes de superar as barreiras históricas, culturais e socioeconômicas não moram apenas no passado. Elas existem e estão produzindo arte hoje. É fundamental reconhecermos o esforço das jovens autoras e artistas que atualmente batalham para se afirmar no cenário cultural. Influenciadas pela era digital e por novas formas de pensar e se expressar, abrem uma miríade de novas possibilidades nas formas culturais angolanas.

No Quadro 1, disposto a seguir, apresentamos alguns nomes dos mais proeminentes que identificamos em fontes diversas, como jornais, *sites* e plataformas de redes sociais. Nosso objetivo, ao construirmos o quadro, não foi ainda o de analisar

as produções, mas reunir nomes que, de preferência, ainda não tenham sido amplamente abordados na maioria dos estudos acadêmicos, mesmo que tenham conquistado notoriedade nos últimos anos.

Quadro 1 – Levantamento de artistas angolanas em atuação.

| Nome | Atuação | Obras |
|------------------|-----------|---|
| Antonieth Terra | Escritora | <ul style="list-style-type: none"> • <i>Doces & Amargos: A vida de uma adolescente (in)comum</i> (romance). All Print Editora, 2021 |
| Mara Oliveira | | <ul style="list-style-type: none"> • <i>Pensamentos Soltos</i> (poemas). Editora Acácias, 2016 • <i>Agora vou ser feliz</i> (romance). Editora Acácias, 2021 |
| Otoniela Bezerra | | <ul style="list-style-type: none"> • <i>Retratos de Uma Mulher (In)Comum</i> (romance). Movimento Lev'Arte, 2013 • <i>O Amor Conquista Tudo – Amor Vincit Omnia</i> (romance). Editora Independente, 2015 • <i>Luara – A Princesa de Luanda</i> (conto infantil). Projeto Oficina Literária, 2017 • <i>Tudo o que eu te diria se me quisesses ouvir</i> (prosa poética). Editora Caneta de Estilo, 2022 |
| Rosa Soares | | <ul style="list-style-type: none"> • <i>Uma Versão Diferente da Vida</i> (romance). Oficina de Livros, 2013 • <i>Met(amor)fosse</i> (romance). Caneta de Estilo, 2015 • <i>O Nosso Natal</i> (conto infantil) - 2016 • <i>Flores não são para os Mortos</i> (romance). Editora Independente, 2017 |
| Cíntia Gonçalves | | <p>Livros</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>As Simetrias de Mulher</i> (poemas) - 2018. Luanda. Editora das Letras. |
| Amélia Dalomba | | <p>Livros</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Uma Mulher Ao Relento</i> (romance). Nandyala Editora, 2011 • <i>Nsinga</i> • <i>O Mar no Signo do Laço</i> (infanto-juvenil). Luanda: Mayamba, 2012. |

Quadro 1 – Cont.

| Nome | Atuação | Obras |
|------------------|--|---|
| Cremilda de Lima | Escritora | <ul style="list-style-type: none">• <i>Os Kandengues desfilam no carnaval</i> (infanto-juvenil). Leya/textos editores, 2015.• <i>Uma Aventura nas Nuvens</i>. Leya/textos editores, 2016.• <i>Brincadeira ao Luar</i>. Leya/textos editores, 2016. |
| Kamy Lara | Cineasta, fotógrafa | Direção de: <ul style="list-style-type: none">• <i>Beyond My Steps</i> (documentário)• <i>Batuku</i> (videoclipe da cantora Aline Frazão)• <i>Para lá dos meus passos</i> (documentário) – pelo qual recebeu o prêmio de melhor documentário no <i>San Francisco Dance Film Festival</i> em 2020 e o terceiro lugar no <i>Adiaha Award</i>, para o melhor filme realizado por uma mulher africana no <i>Encounters South African International Documentary Film Festival</i>. |
| Ana Silva | Artista visual – pintura, colagem, escultura, tecido, bordado | <ul style="list-style-type: none">• Participação em exposições: Casa da Cerca, em Almada (2022); Bienal de Dakar (2022); Paris, Musée d’Art Moderne de Paris (MAGNIN-A) (2021); Genebra, com participação na ArtGeneve (2020); e várias apresentações em Luanda (<i>Vestir memórias</i> - exposição) e Lisboa.• Em 2021, foi agraciada com o Prémio Nacional de Cultura e Artes, em Angola, na categoria Artes Visuais e Plásticas. |
| Lola Keyezua | Artista visual – fotografia, filme, pintura, poesia, escultura | <ul style="list-style-type: none">• Com circulação nacional e internacional, destaca-se da artista a participação em:• exposição coletiva <i>Conexões femininas</i>, realizada na Galeria do Banco Aconómico de Luanda, em julho-agosto de 2016.• Afro Vibes Festival Exhibition (Holanda), Lagos Photo Festival (Nigéria), Addis Photo Festival (Etiópia), Something About Bodies (Inglaterra). |

Quadro 1 – Cont.

| Nome | Atuação | Obras |
|---------------------|--|---|
| Alice Marcelino | Artista visual - fotógrafa | Exposições solo: <ul style="list-style-type: none"> • <i>Kitoko - Exposição Histórias da diáspora negra</i> (Almada, Portugal); em - Redbridge Central Library, U.K. (2018); em - Terra Drip em Macau (2018). • Participou também em exposições coletivas no Instituto Camões em Luanda (2020), na galeria Jean-Claude Maier (2020), no projeto <i>This is not a Museum</i> (2019 e 2020) e no <i>Spaces in Between</i> (2019). Também participou nas exposições “We do Black hair” e “Ghouls” no Reino Unido (2016). |
| Alida Rodrigues | - Colagem, fotografia. | Participação nas exposições: <ul style="list-style-type: none"> • <i>O Silêncio da Terra: visualidades (pós)coloniais</i> intercetadas pelo Arquivo Diamang, Museu Nogueira da Silva, Braga, Portugal, 2021. • <i>Discursos de Decolonialidade, Not a Museum</i>, Lisbon, 2020 (produced by This is Not a White Cube - Art Gallery). • <i>Taxidermia do Futuro</i>, Museu Nacional de História Natural de Angola, (SIEXPO), Luanda 2019. • <i>Intersections Within The Global South</i>, Galeria Banco Economico, Luanda 2019, (produced by This is Not a White Cube - Art Gallery). • <i>Mythopoeia</i>, Tiwani Contemporary, London 2015. • <i>Interchange Junctions</i>, Howick Place, London 2014. |
| Pamina Sebastião | Artista multidisciplinar: instalação artística, pinturas, escritos, ensaios fotográficos, colagens, vídeos, ilustrações etc. | <ul style="list-style-type: none"> • Exposições: <i>Só belo mesmo</i> (2019); <i>Mestres do meu universo</i> (Luanda, Galeria Jahmek) (2023). • Publica suas obras no perfil <i>Só Belo Mesmo</i> do Instagram |
| Helena Uambembe | | <ul style="list-style-type: none"> • <i>What you se is not what you remembre</i> (Instalação artística) |
| Yola Balanga | | <ul style="list-style-type: none"> • <i>Quadros de Guerra, Corpos de Luto</i> (exposição) – 2022 |

Fonte: As autoras, 2023.

Destacam-se, do quadro, a abordagem de temáticas de gênero, assim como a circulação nacional e internacional de trabalhos como os de Kamy Lara, Keyezua, Alice Marcelino, Alida Rodrigues e Ana Silva (no campo das artes visuais – artes plásticas e cinema) e os trabalhos de Amélia Dalomba e Cremilda de Lima (no campo literário). Outros nomes têm se sobressaído mais fortemente no cenário local de Luanda.

Vale acrescentar que enfrentamos algumas dificuldades ao tentar acessar as obras literárias das autoras, visto que muitas delas optam por publicar seus trabalhos em formato de *e-books* ou recorrem a editoras independentes. Vale ressaltar que o *Jornal de Angola* desempenhou um papel fundamental ao fornecer informações sobre eventos e lançamentos de publicações relacionados a essas artistas e escritoras, tornando-se uma fonte valiosa para a identificação e acompanhamento de seus trabalhos. Outra informação que consideramos válida mencionar é que algumas escritoras, como Amélia Dalomba, não tiveram algumas de suas obras consideradas neste levantamento devido ao fato de serem anteriores a 2011.

Análise de entrevista com Ottoniela Bezerra

Na tese de doutorado da pesquisadora Isabel Martins (2019), deparamo-nos com vários nomes de escritoras angolanas. O estudo se debruça sobre a produção literária produzida por mulheres em vários países africanos. Dedicando tópicos para tratar de cada um desses países, a partir da página 70 é explorado o contexto angolano. A pesquisa introduz várias autoras ao longo desse percurso crítico e historiográfico, traçando a evolução da autoria feminina em Angola, desde Lília da Fonseca até Alda Lara. Há um total de 11 (onze) autoras da época colonial que, “com exceção de Alda Lara que é praticamente citada em grande parte das antologias e livros da crítica especializada, pouco ou nada se ouve falar” (MARTINS, 2019, p. 70). Além desses nomes, outros 69 (sessenta e nove) são citados. Nomes que se afirmaram no cenário literário angolano após a independência do país, através de participação em antologias, colaboração em periódicos e obras publicadas individualmente. Dentre eles, destacamos o nome de Ottoniela Bezerra.

Ottoniela Ângela da Conceição de Sousa Santos Bezerra, nascida em 1990 em Luanda, graduou-se em Direito pela Universidade Metodista de Angola. Escritora prolífica, é autora de quatro obras: os romances *Retratos de Uma Mulher (In)Comum* (2013) e *O Amor Conquista Tudo – Amor Vincit Omnia* (2015); o conto infantil *Luara – A Princesa de Luanda* (2017); e a prosa poética *Tudo o que eu te diria se me quisesses ouvir* (2022). Além de sua carreira literária, ela é a fundadora da associação filantrópica “Passos de Mulher”, estabelecida em 2012 com o propósito de apoiar diversas formas de expressão artística, unindo literatura e moda. Apadrinhou o

concurso literário infantil intitulado “Prémio de Literatura Passos de Mulher”, que é direcionado a jovens autores entre 13 e 20 anos, que ainda não têm obras publicadas. Ademais, lidera uma iniciativa destinada à promoção da literatura em diversos lares de acolhimento que cuidam de crianças desfavorecidas em Luanda. Seu trabalho inclui a criação de bibliotecas providas de livros e recursos didáticos usados, a realização de atividades de leitura e a organização de concursos de criação de contos.

De acordo com a entrevista concedida à revista *online* angolana *Bantumen*, Ottoniela revela que entre as suas principais fontes de inspiração literária estão os angolanos Manuel Rui Monteiro, Ondjaki e Uanhenga Xitu; a portuguesa Margarida Rebelo Pinto; as brasileiras Clarice Lispector e Martha Medeiros; e a britânica J.K. Rowling. Curiosamente, dos sete nomes mencionados, quatro são mulheres, mas provenientes de outras nacionalidades. Há uma notória ausência de escritoras angolanas entre suas influências, o que não deixa de ser uma preocupação crítica que ilustra as complexidades das dinâmicas culturais e sociais que continuam a impactar a representatividade das escritoras em diversas comunidades literárias.

A escritora começou o seu ofício aos 16 anos, quando criou o *blog* “O espelho da minha alma”, onde compilava crônicas de sua autoria. De acordo com a própria, ela escrevia o que via, vivia e sentia necessidade de transmitir. Observamos aqui o que já era esperado ao nos voltar à nova geração de escritoras angolanas: a forte presença da *internet*. A ascensão dessa rede de comunicação tem revolucionado profundamente a forma como os/as escritores/escritoras abordam a publicação de seus livros, oferecendo meios mais acessíveis, que muitas vezes evitam os rigorosos nichos das editoras tradicionais.

Uma autora que compartilha dessa perspectiva é a angolana Ngonguita Diogo. Em uma entrevista ao *site Olho Vivo*, em 2018, ela aborda a relevância do espaço digital no âmbito cultural, ressaltando que:

A internet é um ganho a ser bem usada, ela democratiza o acesso a diferentes culturas e promove também a sua divulgação, com ela aprende-se, poupa-se dinheiro, esforços e coarctam-se as distâncias porque temos a possibilidade de fazer todo o tipo de consultas sem sair de casa e até formações, bem como, efetuar compras. Por outro lado, é também o maior vetor de publicidades, não se pode deixar de frisar que ela continua a ser uma faca de dois gumes.

Na mesma entrevista, Ngonguita aprofunda a ideia de o espaço virtual ser uma “faca de dois gumes”, apontando para a complexidade da globalização econômica e cultural impulsionada pelo avanço do capitalismo e pela expansão dos meios de comunicação. Esses meios, especialmente a *internet*, cada vez mais viral, também refletem o que pode ser considerado como uma “ocidentalização global”. Isso ocorre

porque, como argumenta Said, em *Cultura e imperialismo*, em “nossa época, o colonialismo direto se extinguiu em boa medida; o imperialismo sobrevive onde sempre existiu, numa espécie de esfera cultural geral, bem como em determinadas práticas políticas, ideológicas, econômicas e sociais” (2011, p. 40). Isto é, os valores e costumes ocidentais estão a permear todas as sociedades por meio das grandes redes de comunicação virtuais, resultando na assimilação das mesmas tendências da moda, produções cinematográficas, escolhas alimentares ou, no caso de Ottoniela Bezerra, os contatos culturais, literários. Adriana Rodrigues (2022) acrescenta a este tópico, ao observar que esse intercâmbio cultural é desigual, principalmente porque ocorre predominantemente em uma única direção, ou seja, dos antigos/novos impérios em direção às periferias. Essa dinâmica faz com que escritores, poetas, artistas em geral cheguem às periferias, enquanto o inverso não acontece, pelo menos não com a mesma abrangência.

Ainda abordando a influência significativa da rede mundial de computadores na realidade literária atual, em uma entrevista posterior, datada de 2022 e conduzida pelo programa de televisão “Conversas ao Sul”, veiculado no canal RTP África e apresentado por David Dias, Ottoniela foi questionada sobre a receptividade dos jovens à leitura, tendo em vista seu trabalho de compartilhar textos reflexivos e trechos de livros nas redes sociais. Em resposta, ela expressou um otimismo, afirmando que a inclinação dos jovens pela leitura está crescendo. Destacou que a presença da literatura no meio digital tem contribuído para esse interesse, dada a facilidade de acesso. Embora confesse uma predileção pelos livros físicos, Ottoniela compreende que, embora muitos jovens optem por *e-books*, outros têm acesso limitado a eles. Ela enfatiza a importância de levar a literatura aos jovens, independentemente do formato.

O entrevistador observa que, devido à rapidez característica do ambiente digital, vídeos curtos emergem como uma maneira eficaz de atrair os jovens para a literatura, oferecendo doses suaves de envolvimento. Em resposta, Ottoniela compartilha que essa estratégia foi exatamente como conseguiu alcançar seu público-alvo, inicialmente composto por adolescentes. Ela acrescenta que essa abordagem também cativou jovens que agora evoluíram para a fase adulta, permitindo-lhes mergulhar em textos mais extensos. Quando passou a publicar excertos, experimentou uma verdadeira explosão em seu trabalho, conectando-se com um público ainda mais amplo. Ela considera essa abordagem muito mais prática, frente à rapidez e dinamicidade do mundo atual.

Sobre as principais temáticas abordadas em suas obras, a escritora afirma que hoje em dia as pessoas gostam muito de frases motivacionais: “estamos na era do *coaching*, e eu tenho estudado e investigado bastante esses temas, mas eu sinto que sim, eu acho que as frases motivacionais e de autoajuda funcionam e realmente ajudam e confortam as pessoas”. Seu livro mais recente, *Tudo o que eu te diria se me quisesses ouvir*, publicado em 2022, se trata de uma coletânea de textos e frases

motivacionais, de autoajuda e autoconhecimento, com um claro objetivo de auxiliar no desenvolvimento pessoal de quem os lê. Isso vai de encontro com as temáticas de obras literárias angolanas de autoria masculina que tiveram impacto internacional nos últimos anos, como, por exemplo, o romance *Também os brancos sabem dançar*, de Kalaf Epalanga, publicado em 2018 no Brasil, que aborda questões relacionadas a identidade, migração e angolanidade, por meio do questionamento de qual o seu lugar no mundo: se Angola, a terra em que nasceu, ou se Portugal, a terra que o abrigou. Ou ainda o livro *E o céu mudou de cor*, de Israel Campos (2023), que aborda temas relacionados à esfera social, dinâmicas familiares, aspirações por um futuro melhor em Angola, além de uma reflexão profunda sobre a democracia e os direitos humanos. Os textos de Ottoniela representam, portanto, certa novidade entre as temáticas da literatura produzida no país.

Na entrevista, é levantada a questão da relevância da participação feminina na literatura, mesmo diante da predominância de autores masculinos. O entrevistador questiona como a autora, enquanto mulher, pode também contribuir para mexer “um bocadinho” a indústria literária. Ottoniela responde que se sente muito orgulhosa, pois:

A nível da literatura angolana jovem, vemos mais mulheres do que homens a publicar, repito, jovens, e eu acho que é a nossa vez de fazer história. A história do nosso país, a história de Angola, está muito ligada à história da literatura porque antigamente os escritores se inspiravam nas vivências e na história do país como tal e hoje em dia sim, as mulheres jovens estão a dar as cartas, escritoras.

Em contraposição a essa afirmação, durante uma conferência realizada em agosto de 2023 como parte do ciclo “Conversas da Academia à Quinta-feira”, uma iniciativa promovida pela Academia Angolana de Letras e reportada no *Jornal de Angola*, a escritora Cíntia Gonçalves, embora compartilhe da percepção de que, de fato, há mais escritoras hoje em dia com um maior número de publicações, pontua a existência de uma notável fragilidade no processo de emancipação das mulheres. Ela destaca a carência de estudos literários sobre as obras que estão sendo produzidas, contrastando com o domínio da produção e publicação de estudos da literatura feita por homens. De fato, essa discrepância torna-se evidente quando examinamos documentos como a *Revista de Estudos Literários* (REVELL), da Unidade Universitária de Campo Grande (UEMS), que, em 2021, lançou uma série de ensaios analisando as principais produções da literatura angolana contemporânea. Entre os sete nomes selecionados, apenas Ana Paula Tavares representava o gênero feminino.

Ao final da entrevista com Ottoniela, David Dias faz referência ao fato de que a autora foi reconhecida no ano anterior como uma das 100 jovens mais influentes pela

“Academia Africana de Novos Líderes” (trata-se de uma organização que promove e reconhece as realizações positivas de jovens descendentes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa por seu contributo nas áreas em que atuam). Ele comenta que acredita que tal conquista possa ser um estímulo adicional para que a escritora continue produzindo e mantenha seu compromisso com novos empreendimentos. Em resposta, Ottoniela expressa que essa distinção é um privilégio significativo, tanto por sua condição de mulher quanto por sua pouca idade, mas compreende que isso também traz uma considerável responsabilidade social. Para ela, ser reconhecida significa que há uma exigência de esforço ampliado e qualidade aprimorada. Ela destaca que, com tantos jovens escrevendo, a ênfase agora recai na apresentação de trabalhos de alta qualidade, atendendo às expectativas desse reconhecimento.

Análise de entrevista com Yola Balanga

Margarida Celestino Balanga, conhecida artisticamente como Yola Balanga, é uma expressiva e autodeclarada “artista transdisciplinar”. Inicialmente imersa no universo do teatro e da moda, ela posteriormente seguiu a graduação em Artes Visuais e Plásticas na Faculdade de Artes, anteriormente conhecida como Instituto Superior de Artes (ISARTES). A artista abraça predominantemente a linguagem da performance, enquanto também explora a fotografia, o vídeo, a instalação e a pintura. Por meio de sua obra, ela trabalha uma série de temas, incluindo espiritualidade, transcendência, o corpo feminino, violência de gênero, questões sociopolíticas, bem como aspectos religiosos e culturais. Sua arte encontra um espaço de representação em Angola através da galeria “ELA - Espaço Luanda Arte”.

Numa entrevista concedida ao portal *WAAU* (World African Artists United), em dezembro de 2022, Yola Balanga discorre sobre sua mais recente exposição, intitulada “Pinturas de Guerra, Corpos de Luto” (2022). Ela lança luz sobre o Tchikumbi, um ritual de iniciação feminina praticado pela comunidade da província de Cabinda, em Angola. No passado, o ritual se estendia por meses ou até anos, período no qual a jovem era instruída em habilidades voltadas para o cuidado do marido e da família. Atualmente, a duração foi reduzida para três dias, e o significado espiritual também diminuiu. A artista critica a forma como o ritual coloca a satisfação do marido como prioridade, negligenciando os desejos das mulheres.

Ao abordar a persistente realidade da violência doméstica enfrentada pelas mulheres, Yola destaca que elas, muitas vezes, ficam presas a esse ciclo devido a preocupações financeiras e pressões familiares. Para ela, o machismo é um sistema complexo e desmontá-lo é um desafio quando a maioria das figuras que o sustentam são homens. Quando perguntada sobre como ela contribui para essa mudança, Yola enfatiza que o simples fato de haver pessoas dispostas, abertas e corajosas para discutir

essas questões, apesar das complicações envolvidas, já é um passo positivo. Embora não esteja formalmente ligada a um coletivo, ela participa de alguns, reconhecendo a força da união, porém destacando a necessidade de expandir esses esforços para áreas periféricas, onde a falta de informação frequentemente torna as mulheres mais vulneráveis.

Ela ainda discorre sobre sua série fotográfica que aborda a solidão na maternidade. Baseada em suas próprias vivências, ela explora a sensação de isolamento que acomete as mães mesmo em momentos do cotidiano familiar, em locais como sua própria casa, a cozinha, o quarto e o banheiro. A série de fotografias tiradas na cozinha da casa de sua mãe se destaca nesse contexto, retratando a artista como a única figura presente naquele amplo espaço, quase imperceptível em meio ao vasto ambiente. Trata-se de uma desconstrução do que Adriano Mixinge chama de “discursos enobrecedores do ventre”, pois, por muito tempo, ao longo do século XX, “as sociedades angolanas colocam a mulher no epicentro de uma série de riscos, assim como de atavismos que tendem a fazê-la muito vulnerável e escrava dos discursos enobrecedores do ventre” (2009, p. 117). Durante o período de descolonização, a imagem da mulher como símbolo da Mãe-África desempenhou um papel significativo na construção da identidade cultural, racial, social e política de Angola. Essa personificação da nação como uma figura feminina de ventre nobre que deu origem a todo um povo, uma guardiã da cultura africana e símbolo de resistência à colonização, refletia o ideal de unificação do povo angolano. No entanto, essa idealização romântica relegou a mulher também ao papel de objeto-sujeito de prazer.

Quando questionada sobre seus futuros projetos e abordagens, Yola compartilha que explorar temas relacionados ao gênero e à experiência feminina inevitavelmente a leva ao território da política e da religião. Ela destaca a existência de inúmeras questões intrigantes a serem exploradas nesse contexto e enfatiza a importância de vozes que possam iluminar essas esferas complexas. Yola observa como a política e a religião frequentemente moldam a percepção do corpo feminino de maneira restrita e padronizada. Isso está em sintonia com a concepção de corpo como um espaço de inscrição de significados, conforme abordado anteriormente no estudo de Larissa Souza (2015). Junto com a identidade de “mulher”, o corpo assume funções específicas para se enquadrar na sociedade. Essas funções, atribuídas pela ideologia dominante por razões utilitárias, podem levar ao disciplinamento do corpo se aceitas, ou à rebelião se rejeitadas. E Yola escolheu se rebelar.

Considerações finais

O panorama da literatura angolana revela uma complexa tapeçaria de histórias e vozes que muitas vezes permanecem ocultas sob o peso da história e da tradição. É notável que Ottoniela, assim como a maioria das escritoras angolanas que conhecemos, teve

acesso à educação em um contexto em que tal oportunidade era escassa para muitas outras. No entanto, sua trajetória ilustra uma jornada de superação de barreiras para entrar no mundo da literatura, e seu compromisso com a promoção da literatura e o engajamento dos jovens leitores demonstra sua capacidade de adaptar-se às mudanças da era digital.

A ausência de escritoras angolanas nas referências de Ottoniela pode, entre outros fatores, apontar para uma questão mais ampla: o impacto do processo de “ocidentalização cultural” que as redes podem perpetuar, como observado pela escritora Ngonguita Diogo e por Adriana Rodrigues (2022). A globalização econômica e cultural, catalisada pela *internet*, influencia as preferências e influências, muitas vezes resultando na sub-representação das vozes locais. No entanto, o advento do espaço virtual também trouxe consigo a democratização da publicação literária, que superou as barreiras das editoras tradicionais, permitindo que escritoras compartilhem suas histórias com um público mais amplo.

Nesse contexto, emerge a questão fundamental da formação de um público leitor de obras de autoria feminina. Ottoniela Bezerra se destaca, nesse aspecto, ao aproveitar as diversas formas digitais de disseminação de conteúdo para atrair e engajar jovens leitores. Sua abordagem flexível e adaptativa, incluindo o uso de vídeos curtos e trechos de obras, demonstra uma compreensão das preferências contemporâneas e a capacidade de alcançar uma audiência que poderia ter sido difícil de ser acessada no passado.

Já nas artes visuais, o trabalho de Yola Balanga surge com uma abordagem ousada que se concentra de maneira incisiva nas experiências femininas, destacando suas lutas, aspirações e desafios em um contexto que muitas vezes relega suas vozes ao silêncio. A escolha meticulosa de Yola ao problematizar o ritual do Tchikumbi desvela um aspecto angolano muitas vezes obscurecido pela luta anticolonial: a opressão das tradições sobre a identidade feminina. Esse gesto lança luz sobre o fato de que, mesmo após a independência, certos pilares tradicionais continuam a impor obstáculos sobre as mulheres, submetendo-as a uma “dupla colonização”.

Além de sua crítica ao Tchikumbi, Yola Balanga aborda sensivelmente outras dimensões do universo feminino, como a solidão inerente à maternidade. Sua fotografia captura essa experiência com um realismo emocional que ressoa nas vidas de muitas mães, enfatizando como, mesmo dentro do seio familiar, o isolamento pode prevalecer. Seu olhar perspicaz a respeito da interconexão entre as temáticas de gênero, experiência feminina, política e religião é revelador. Ela compreende que desmantelar as raízes profundas desse sistema opressor exige uma abordagem holística. A relação entre essas esferas mostra que as lutas das mulheres não são isoladas, mas sim intrinsecamente entrelaçadas com as estruturas de poder e as ideologias arraigadas. Cabe a artistas, como Yola e Ottoniela, desvendá-las para enfim incitarem a rebelião desses corpos ultrajados.

Apesar do progresso, alguns dos desafios enfrentados pelas artistas pioneiras persistem na nova geração, como a predominância masculina nos espaços de poder e as limitações no acesso à educação. É notório que as mulheres estão mais conscientes de seu lugar e experiências, tornando essas temáticas centrais tanto em seus trabalhos artísticos, como exemplificado por Yola Balanga, quanto em seus esforços filantrópicos, como no caso de Ottoniela Bezerra e sua iniciativa “Passos de Mulher”.

Referências

ANGOLA. MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO. *Relatório de Inquérito Integrado sobre o Bem-Estar da População*. Luanda: Instituto Nacional de Estatística, 2011. (vol. II) Disponível em: <www.info-angola.com/attachments/article/.../IBEP_Relatorio_de_Tabelas_Vol.II-2011>. Acesso em: 21 mar. 2022.

ANGOLA. INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICAS. *Resultados preliminares recenseamento geral da população e habitação – 2014*. Luanda: Instituto Nacional de Estatística, 2014. Disponível em: <<https://catalog.ihsn.org/index.php/catalog/7038>>. Acesso em: 24 mar. 2022.

ANGOLA. MINISTÉRIO DA FAMÍLIA E PROMOÇÃO DA MULHER. *Relatório Analítico de Género de Angola*. Luanda: Instituto Nacional de Estatística, 2017. Disponível em: <https://www1.undp.org/content/dam/angola/docs/Publications/undp_ao_PrimeiroRelatorioAnaliticodeGenero_Angola_2017.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2022.

CAETANO, Dhiogo José. *Ngonguita Diogo é a 47ª entrevistada na série sobre cultura*. [Entrevista concedida a] Diogo José Caetano. Olho Vivo, série Opinando e transformando, online, 03 de jul. de 2018. Disponível em: <<https://www.olhovivoca.com.br/pelo-mundo/7180/ngonguita-diogo-e-a-47-entrevistada-na-serie-sobre-cultura/>>. Acesso em: 20 jul. 2023.

CHAVES, Rita. *A formação do romance angolano*. São Paulo: Via Atlântica/Fundo Bibliográfico de Língua Portuguesa, 1999.

CONVERSAS AO SUL. *Entrevista com DiNO Visuals e Ottoniela Bezerra*, EP33. Conversas ao Sul. YouTube, 18 de nov. de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CuEl0_jkdf4>. Acesso em: 20 jul. 2023.

DOMINGOS, Edna. *Desde que me conheço por gente, que tenho este amor por livros, Ottoniela Bezerra*. Bantumen – Cultura, entrevistas, online, 02 de nov. de 2020. Disponível em: <<https://bantumen.com/ottoniela-bezerra/>>. Acesso em: 22 jul. 2023.

FERREIRA, Ruth Canga Buza; GONCALVES, Terezinha Valim Oliver. A presença de mulheres na educação angolana. In: *Rev. Exitus* [online], 2021, vol.11, e020139. Epub 10-Maio-2022. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2237-94602021000100212&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 jul. 2023.

FONSECA, M. de Nazareth S. Literatura africana de autoria feminina: estudo de antologias poéticas. In: *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 8, n. 15, p. 283-296, 2004. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12586>>. Acesso em: 21 mar. 2022.

JORNAL DE ANGOLA. *Escritora Cíntia Gonçalves fala do papel da mulher na literatura*. Jornal de Angola, Luanda, 26 de ago. de 2023. Seção Cultura, online. Disponível em: <<https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/escritora-cintia-goncalves-fala-do-papel-da-mulher-na-literatura/>>. Acesso em: 27 ago. 2023.

LUCAS, Olímpia Iango. *A participação da mulher na luta pela independência em Angola (1961-1975)*, 2021. 26f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/2326>>. Acesso em: 21 dez. 2022.

MACEDO, Tania. Da voz quase silenciada à consciência da subalternidade: a literatura de autoria feminina em países africanos de língua oficial portuguesa. In: *Mulemba*, Rio de Janeiro, v.1, n. 2, p. 4-13, jan/jul, 2010. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/article/view/4682>>. Acesso em: 21 mar. 2022.

MARTINS, Izabel Cristina Oliveira. *Pelas sendas do feminino: diáspora e exílio nas literaturas africanas de língua portuguesa*, 231f, 2019. Tese (Doutorado em Tese Literatura e Interculturalidade) – Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade, Universidade Estadual da Paraíba, 2019. Disponível em: <http://btdtd.ibict.br/vufind/Record/UEPB_263209d3bc2ba71d25f54aba454812b6>. Acesso em: 21 mar. 2022.

MIRANDA, Mónica de (ed.). *Atlantica: contemporary art from Angola and its Diaspora*. Lisbon: Hangar Books, 2018.

MIXINGE, Adriano. *Made in Angola: arte contemporânea, artistas e debates*. Paris: L'Harmattan, 2009.

MIXINGE, Adriano. Uma cor-de-rosa diferente de Keyezua: Relação entre arte e gênero em Angola. *ArteCapital*, 8 nov. 2016. Disponível em: <<https://www.artecapital.net/perspetiva-190-adriano-mixinge-uma-cor-de-rosa-diferente-de-keyezua-%C3%A0-relacao-entre-arte-e-genero-em-angola>>. Acesso em: 22 jul. 2023.

OLIVEIRA, Jurema. *A escrita feminina no panorama literário africano em língua portuguesa*: Alda Lara, Noêmia de Souza, Ana Paula Tavares, Vera Duarte e Paulina Chiziane. União de Escritores de Angola, 2002. Disponível em: < in <http://www.uea-angola.org/artigo.cfm?ID=657>>. Acesso em: 7 mar. 2022.

PEREIRA, Teresa Matos. A Condição da mulher em Angola na cerâmica de Helga Gamboa. *Revista Estúdio*, v. 3, n. 5, 2012, p. 112-118. Disponível em: <https://estudio.belasartes.ulisboa.pt/E_v3_iss05.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2022.

RODRIGUES, Adriana Cristina Aguiar. *Escarificações: espaço-corpo-memória na literatura e nas artes visuais angolanas (2001-2020)*, 2022, 382p. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/3169>. Acesso em: 21 mar. 2022.

SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SOUZA, L. S. L. Mulheres angolanas nos espaços literários: corpos ultrajados e escritas transgressoras. In: *Mneme - Revista de Humanidades*, v. 16, n. 37, p. 127-141, 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/pci20/Downloads/ojs,+5_dossie_larissa.pdf>. Acesso em: 22 set. 2022.